

África

## **Moçambique - Quando o Islão se Interessa pela Política**

Fernando Balthazar de Lima

Tal como no Quênia e na África do Sul, também em Moçambique se fizeram ouvir as vozes de apoio ao Afeganistão taliban à revelia das posições oficiais de solidariedade para com os Estados Unidos e de apoio ao combate internacional ao terrorismo.

Em contraste com o passado recente de unanimismo em torno das posições do partido-Estado, uma manifestação convocada pelo movimento islâmico de Moçambique reuniu milhares de pessoas nas ruas de Maputo que se concentraram depois frente à embaixada americana. O protesto tinha cartazes com a imagem de bin Laden e os mais exaltados gritavam apoio ao líder da Al-Qaeda e aos *taliban*. Uma carta aberta ao presidente Bush solicitava o fim dos bombardeamentos contra o Afeganistão acrescentando que “os EUA não convenceram o mundo, nem usaram instituições apropriadas para provar o envolvimento do povo afegão e seu governo (nos atentados de 11 de Setembro), tão legítimo como o governo ilegítimo do Paquistão do General P. Musharraf”.

Numa passagem em linha com as posições da esquerda europeia, os muçulmanos moçambicanos consideraram que o terrorismo, nas suas diversas vertentes se manifesta também pelo “uso do veto [pelos EUA] no Conselho de Segurança como forma de ‘legalizar’ o ilegal; a manipulação das instituições mundiais, FMI; Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio”. A missiva foi lida por Amade Camal, um proeminente empresário local, deputado na última legislatura pela bancada da Frelimo, que governa o país desde a independência em 1975.

O protesto, mais do que uma demonstração das virtualidades da liberdade de expressão em Moçambique, mostra o crescente nível de intervenção política da comunidade muçulmana, nomeadamente a sua vertente asiática, tradicionalmente concentrada apenas nos seus negócios. O sector asiático da população moçambicana inclui também os hindus, originários da Índia e os goeses, confessionalmente católicos. Ironicamente, o mais sólido núcleo de ideólogos marxistas no seio da Frelimo, enquanto movimento de libertação, era constituído por intelectuais de origem asiática, tal como aconteceu no ANC e na COSATU da África do Sul.

Ostracizada pelo poder colonial português e não obstante o êxodo verificado no período 74-76, a comunidade de origem asiática refez os seus negócios e ocupou em grande parte o vacuum deixado pelos portugueses no pequeno comércio. A liberalização encetada ainda no tempo de Samora Machel na década de 80, deu um novo alento à comunidade, posta em pé de igualdade com o catolicismo, a religião oficial no período anterior à independência. A maior parte da população moçambicana é animista, sendo a influência das confissões religiosas trazidas do exterior, partilhada em partes sensivelmente iguais pelas igrejas cristãs e o islão.

Joaquim Chissano, agora formalmente um católico praticante, comparece com frequência nas principais celebrações islâmicas e quando visita o Norte muçulmano enverga o traje identificativo da comunidade. O ministro da Justiça, notoriamente pouco ágil em questões legais, representa a visibilidade que o governo pretende dar aos muçulmanos, num ministério que trata igualmente dos assuntos religiosos. E se do ponto de vista formal era importante a noção de igualdade, não menos importante são as reparações, ou seja a devolução de propriedade confiscada no âmbito das nacionalizações em 1975. Neste domínio, as pressões da igreja católica, apoiadas pelo Vaticano, têm-se revelado mais eficazes, pois grande parte do imobiliário foi já devolvido, enquanto em relação à comunidade muçulmana muitos dos processos continuam em “banho maria”, enredados em artifícios de natureza legal.

A adopção da economia de mercado e a constituição liberal de 1990 deram asas à comunidade islâmica de origem asiática, alvo de perseguição e chantagem no período revolucionário. Candongueiro(açambarcador) era sinónimo de “monhé”, um termo depreciativo para designar a comunidade de origem asiática, herdado do tempo colonial.

A maioria dos muçulmanos moçambicanos são negros, mas ao nível do poder e liderança económica na comunidade, estes são claramente hegemonizados por asiáticos. Uma parte significativa dos grupos económicos locais surgidos nos últimos dez anos são dominados por asiáticos, famílias provenientes do Norte de Moçambique que paulatinamente se vêm estabelecer em Maputo, onde se concentram os centros decisores e onde é crucial influenciar o poder político.

Nas primeiras eleições gerais multipartidárias realizadas em 1994, os muçulmanos asiáticos negociam lugares elegíveis no Parlamento pelas listas da Frelimo, o sinal mais visível no pós-independência de uma política orientada em termos de minoria étnica e,

por outro lado, uma verdadeira “revolução” nas práticas da comunidade, circunscrita habitualmente à actividade empresarial. A Frelimo, sem afastar as simpatias das populações islamizadas do Norte pela Renamo, conseguiu importantes apoios financeiros para a sua campanha, conseguindo secar uma fonte potencial de financiamento ao partido rival.

Um dos sinais de poder da comunidade é a fixação da taxa de câmbio do dólar, habitualmente todas as segundas-feiras, depois das reuniões informais na marginal de Maputo durante o fim de semana. A esmagadora maioria das casas de câmbio e a troca informal de moeda externa é controlada pela comunidade. Como nos primeiros seis meses deste ano, o metical sofreu uma desvalorização de 20 por cento, a situação levantou a suspeita de que haveria aqui retaliação pela detenção de um empresário de origem asiática, alegadamente envolvido num desfalque bancário e na morte do jornalista Carlos Cardoso.

As enormes quantidades de dólares movimentadas pelas casas de câmbios e “bancos de fachada” – sem correspondência com o circuito produtivo - levam a Interpol a acreditar que Moçambique é um dos mais importantes pólos de lavagem de dinheiro na África Austral, havendo suspeições que, à semelhança do que foi descoberto na África do Sul, a Al-Qaeda também tenha ramificações no país. Nos últimos anos foram efectuadas várias detenções de membros da comunidade envolvidos em tráfico ilícito de moeda e droga, mas nunca veio a público a verdadeira dimensão destas redes. Vários grupos económicos ligados à comunidade fazem contribuições regulares para a Frelimo e empreendimentos públicos, uma forma de “amolecer” as autoridades em relação às actividades não licenciadas desenvolvidas em paralelo. A carta aberta do movimento islâmico ao presidente Bush faz uma referência crítica ao Banco Mundial e ao FMI, mas foram as políticas ultra-liberais impostas por estas instituições a Moçambique que se traduziram na enorme prosperidade de que hoje goza a comunidade muçulmana de origem asiática e a quase total ausência de controle dos fluxos de capitais.

No plano externo a adesão de Moçambique à Conferência Islâmica garantiu a vinda de fundos da Líbia e da Arábia Saudita para a expansão do Islão em Moçambique e para a actividade da African Muslim Agency (AMA), uma ONG que, entre outras actividades, patrocina bolsas de estudo para moçambicanos estudarem no Sudão. A influência da AMA no Norte de Moçambique levantou a hipótese da importação de camelos – um animal estranho ao país - para ajudar as populações. Menos estranho é o interesse do

Departamento de Estado norte-americano pela que considera ser a potencialmente perigosa a formação de jovens moçambicanos no Sudão, uma das zonas de operação da Al-Qaeda.

Em suma, se o radicalismo dos *ayatolahs* no Irão provocou poucos estragos em Moçambique, do integrismo *taliban* não se pode dizer o mesmo. A maioria dos muçulmanos moçambicanos são sunitas, constituindo os xiitas uma pequena bolsa sem expressão relevante. A corrente dominante entre os sunitas é o *wahabismo*, reflectindo a formação, no pós-independência, dos dirigentes religiosos islâmicos moçambicanos na Arábia Saudita e a própria orientação do Conselho Islâmico, a mais poderosa e influente organização muçulmana moçambicana. Se o *cofió* e a *djabala* (túnica) se tornaram indumentária habitual sobretudo à sexta-feira, a influência do *wahabismo* trouxe ainda as barbas nos homens e as *burkas* nas mulheres.

Minoritários étnica e confessionalmente, a capacidade económica e os laços que esta assegurou ao mais alto nível do poder político, fazem da comunidade islâmica asiática uma força incontornável no Moçambique actual.